



A NOÇÃO DE ACABAMENTO COMO ELO ENTRE A ATIVIDADE ESTÉTICA E O ATO ÉTICO

Maria Bernadete Fernandes de Oliveira (UFRN)

RESUMO: Nosso objetivo é refletir sobre a relação entre atividade estética e ato ético no que diz respeito a contribuir com os estudos sobre a alteridade em práticas discursivas contemporâneas, à luz de orientações de autores do Círculo de Bakhtin. A partir das noções de acabamento e de excedente de visão, buscamos interpretar o movimento do autor-enunciador em relação ao seu objeto de sentido, entendendo que os atos éticos, materializados semióticamente, não dispensam o exercício de uma atividade estética. Em seguida, analisamos como a atividade estética dá forma ao ato ético em textos publicados na mídia impressa e como aquela atividade materializa posicionamentos do enunciador sobre seu outro.

PALVRAS- CHAVE: Alteridade, ato ético, atividade estética, acabamento do enunciado

THE NOTION OF FINALIZATION AS A LINK BETWEEN AESTHETICS ACTIVITY AND ETHICS ACT

ABSTRACT: This paper deals with the relationship between the ethics act and aesthetics activity as a way to understand how otherness may be materialized in discursive practices, based on the writings of the Bakhtin Circle. Our point of depart to understand the author of the utterance towards its object of sense are the notions of finalization and the surplus of vision. We consider that the ethics act, semioticized in the utterance, incorporates the exercise of an aesthetics activity. As follows we analyze how aesthetic activity enforms the ethic act in texts of printing media and how that activity materializes author's positions towards his other.

KEYWORDS: Alterity, ethic act, aesthetica activity, utterance finalization

INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta algumas reflexões sobre ato ético e atividade estética nos escritos do chamado Círculo de Bakhtin, visando explorar seu papel na construção de relações com a alteridade e suas formas de manifestação nas práticas discursivas contemporâneas. Uma discussão¹ que nos parece importante na medida em que a pós-modernidade, em sua fase celebratória, de certa forma, anuncia a morte do ético e sua substituição pela estetização da vida (JAMESON, 1997).

Alguns pensadores posicionam-se contra essa visão da pós-modernidade, defendendo a necessidade de abordagens éticas da vida contemporânea que, ao privilegiar os posicionamentos discursivizados sobre ações, as mais diversas, praticadas por pessoas ou grupos, em qualquer das esferas da atividade humana, contrapõem-se às regulamentações normativas e coercitivas, ancoradas em universais teóricos e absolutos, próprios da modernidade clássica (BAUMAN, 1977). Para esse autor, o útil não é necessariamente bom e o belo não tem de ser verdadeiro. “ O código ético a toda prova- universal e fundado inabalavelmente- nunca vai ser encontrado [...] uma ética que seja universal e objetivamente fundamentada, constitui impossibilidade prática” (BAUMAN, 1977, p.15).

Assim é que a problemática da ética, aos poucos, retorna a ocupar espaço no campo das Ciências Humanas e particularmente no âmbito de uma dada vertente da Linguística Aplicada que se preocupa com uma produção de conhecimentos ancorada no princípio ético preliminar de não causar sofrimento humano, incorporando aos estudos da linguagem, noções de responsabilidade social, de dever e de agenciamento (MOITA LOPES, 2006).

Por outro lado, a questão da estética não se coloca de forma menos complexa, remete para a ideia de que o ser humano é um ser criador, não se limitando o processo criativo à esfera das artes. Entendemos que o elemento

¹ Temos clareza da complexidade da discussão sobre ética e estética no âmbito das teorias filosóficas, políticas e da arte. No presente texto, nossos limites serão aqueles referentes aos escritos do chamado Círculo de Bakhtin.



nodal a caracterizar a atividade estética diz respeito à maneira pela qual o autor, criador ou enunciador², dá forma aos materiais semióticos, a partir de um dado ponto de vista, axiologicamente marcado.

Na primeira parte desse artigo, esboçamos uma revisão da noção de alteridade, seguida dos conceitos de ato ético e de atividade estética, com ênfase nas noções de acabamento e excedente de visão, à luz dos entendimentos do Círculo de Bakhtin. Em um segundo momento, ensaiamos ilustrar como essa relação manifesta-se em exemplos de práticas discursivas presentes na mídia impressa.

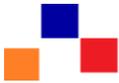
1. Revisitando noções de alteridade, ato ético e atividade estética nos escritos do círculo

Na contemporaneidade, os estudos da linguagem que investigam as práticas discursivas e seu papel na construção da cultura³ ocupam-se cada vez mais com a discussão sobre a alteridade, na medida em que o sujeito, o ser humano, compreendido como um ser plural, não idêntico a si mesmo, apenas se constitui a partir de seu outro. Canclini (2005) afirma que, em uma sociedade globalizada, exige-se maior disponibilidade para conviver diariamente com os diferentes, aumentando os riscos de que essas diferenças se tornem conflituosas. Para ele, portanto, é necessário “considerar a alteridade como uma construção imaginada, que ao mesmo tempo enraíza-se em divergências interculturais empiricamente observáveis” (CANCLINI, 2005, p. 286).

Ainda no âmbito dos estudos culturais, para Duschatsky e Skliar (2001), as versões discursivas da alteridade assumem posicionamentos diferenciados, em alguns casos, considerando o outro como fonte de todo o mal, em outros como sujeitos plenos portadores de dada marca cultural, representando

² Estamos nomeando autor criador aquele que cria e constitui a obra artística, enquanto que o autor-enunciador seria aquele presente em enunciados produzidos em outras esferas da atividade humana.

³ Sobre essa temática é esclarecedor o posicionamento assumido por Hall (1997) sobre o domínio da cultura hoje, considerando a importância do universo dos signos e seu papel constitutivo em todos os aspectos da vida social.



comunidades homogêneas de crenças e estilos de vida ou, em um terceiro caso, como alguém a ser tolerado.

Para o Círculo de Bakhtin, a questão da alteridade é temática fundamental, presente em praticamente todos os seus escritos, alinhando-se aos posicionamentos que, ao pensar a natureza incompleta do ser humano, faz emergir a necessidade do outro como constitutiva do eu. Ao discorrer sobre o que seria uma arquitetônica do mundo da vida, o mundo concreto, “*mundo de nomes próprios*”, afirma Bakhtin que este organiza-se e é vivenciado em torno dos centros de valores do eu e do outro, em três dimensões, quais sejam, eu para mim, eu para o outro e o outro para mim (BAKHTIN, [1919]2010).

A relação entre o eu e seu (s) outro(s), explorada exhaustivamente em Autor e Herói (BAKHTIN, 1923-1924/2003), é sempre atravessada pelo eixo axiológico. Assim sendo, a questão da alteridade, da forma que se apresenta para o Círculo, assume uma dimensão dialógica, uma dimensão de interconstitutividade entre o eu e o outro, instituindo-se como fonte para o princípio ético da responsabilidade para com o outro. Ou seja, incorpora uma dimensão ética e política, na medida em que esse “eu” e esse “outro” configuram-se como sujeitos que não têm álibi, instaurando a responsabilidade dos agentes pelos seus atos em relação aos outros.

Exemplos clássicos de relação com a alteridade podem ser encontrados nas análises que Bakhtin realizou sobre os romances de Dostoievsky e de Rabelais. Resumidamente, diríamos que na obra de Dostoievsky, Bakhtin encontrou personagens que não são escravos mudos em relação ao seu autor-criador, ao contrário, são pessoas livres, capazes de colocar-se “lado a lado com seu criador...” (BAKHTIN, [1963]1997, p. 4). Diz Bakhtin que, em Dostoievsky, dialogam vozes sociais, convicções sobre o mundo, sobre sistemas de referência, em pé de igualdade, sobre temas/problemas, que não se colocam no eixo de uma temporalidade marcada. O essencial dessa relação com a alteridade é a garantia



do espaço de dizer e de ser ouvido, é a presença de mais de uma consciência, de mais de um ponto de vista, sem a desqualificação do outro⁴.

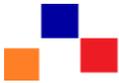
Outro exemplo pode ser encontrado na análise da obra de Rabelais (BAKHTIN, [1946], 1985), quando as relações dialógicas com a alteridade travam-se em situações explícitas de confrontação e discordância entre culturas, no caso, a cultura popular e suas vozes em confronto com a cultura elitista e hegemônica da época.

Em resumo, as relações com a alteridade, conforme Bakhtin analisa, em Dostoievsky, predominantemente, espaço da liberdade, em Rabelais, espaços de transgressão e resistência, reforçam a afirmação recorrente e presente em vários de seus textos sobre os diferentes graus das relações dialógicas possíveis entre “eus e tus”(BAKHTIN, [1970-1971],2003).

A explicitação da relação com a alteridade para o Círculo traz como elementos necessários à sua compreensão algumas noções básicas, quais sejam, as noções de acabamento, de exotopia e de excedente de visão, noções essas que vão se configurar como imprescindíveis à realização da atividade estética, envolvendo, ao mesmo tempo, aspectos desde os estilísticos, plásticos, pictóricos, rítmicos, temporais, espaciais até a articulação das vozes sociais e suas visões de mundo.

Medvedev ([1928],2012) afirma que o acabamento, em seu significado primário, é uma noção própria da esfera da arte, na medida em que é nessa esfera que o autor criador dá acabamento à totalidade do seu objeto, seja em seu aspecto composicional seja em seu aspecto temático arquitetônico. Para esse autor, e para o Círculo em geral, o acabamento, em outras esferas da criação ideológica que não a artística, é sempre relativo e não exaure o objeto em estudo. Bakhtin explicita esse ponto de vista, ao dizer que no mundo da vida não há autor-criador, portanto o processo de acabamento nunca é do todo do eu, ainda mais porque, as respostas, no mundo da vida, são de natureza dispersa, são respostas a manifestações particulares e não ao todo do ser humano. Na vida, diz

⁴Para o Círculo, a relação dialógica que anula a consciência alheia, considerando o outro como objeto, assume sua natureza despersonalizada, portanto uma relação monológica (BAKHTIN, [1970], 2003).



ele, “não nos interessa o todo do homem mas apenas alguns de seus atos com os quais operamos na prática”(BAKHTIN, [1923]2003,p.11).

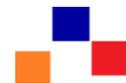
Em nosso entendimento, o fato do acabamento nas esferas não artísticas ser sempre parcial não implica na impossibilidade da existência de uma atividade estética sobre os enunciados concretos produzidos nessas esferas, ainda mais porque o próprio Bakhtin afirma que “todo texto tem um sujeito, um autor” (BAKHTIN, [1959] 2003. p.308) e que existem vários tipos de autoria, todos com sua responsabilidade autoral.

A problemática da autoria atravessa vários textos de Bakhtin, contudo é em Autor e Herói que podemos encontrar uma discussão mais substancial sobre o autor-criador na esfera da criação artística. Para esse autor, só o outro pode ser o centro de valores da visão artística e, por conseguinte, ser o herói de uma obra; e é esse outro que recebe um acabamento espacial, temporal e semântico.

O autor-criador, responsável pela atividade estética, realiza o acabamento de sua obra, enforma esse objeto, estruturando seu conteúdo a partir de uma relação valorativa estabelecida com seu herói. A forma do todo da obra, engendrada pela operação de acabamento, contudo não pode ser compreendida independentemente do conteúdo, nem da natureza do material, no qual se realiza.

No caso da palavra, material verbal significativo para as artes literárias, esta deve ultrapassar sua forma imanente para tornar-se expressão do mundo dos outros e expressão da relação de um autor com esse mundo. Assim sendo, a relação do autor com a língua e sua utilização reflete, através de elementos estilísticos, a relação com o mundo da vida. O estilo artístico não trabalha com as palavras, mas com os componentes do mundo, com os valores do mundo e da vida. Podemos defini-lo como o conjunto dos procedimentos de formação e de acabamento do homem e do seu mundo, estilo esse que determina também a relação com o material, com a palavra, cuja natureza deve, naturalmente, ser conhecida para que essa relação seja compreendida (BAKHTIN [1923] 2003).

Pensando essa compreensão de autoria, entendemos que, é possível autorar em outras esferas das atividades humanas. Ou seja, podemos entender



que qualquer enunciado, como unidade de comunicação, em qualquer de suas dimensões, não pode dispensar entre seus elementos constitutivos, um projeto de dizer e a realização desse projeto por elementos estilísticos e linguísticos, os quais relacionam as formas composicionais e arquitetônicas de cada enunciado, realizadas em sua materialidade semiótica específica. Nesses limites, acreditamos ser possível falar de atividade estética em processos de criação verbal não restritos à esfera artística, pautando-se no próprio Bakhtin, para quem, qualquer enunciado “sempre cria algo novo e singular e que ainda por cima tem relação com o valor”(BAKHTIN [1959] 2003, p.326).

Em síntese, a atividade estética, a criação a partir de algo já dado, é uma atividade de dar forma, de enformar, de ornar, como diz Bakhtin([1924], 1990) e nesse processo, pela operação de dar acabamento, a atividade estética produz uma visão do seu objeto sempre atravessada pelo eixo valorativo, conferido por seu autor.

À realização do acabamento, torna-se necessário o posicionamento exotópico, garantido pelo excedente de visão. Ou seja, é alguém de fora, exterior ao objeto-tema, que o emoldura e o insere em um contexto, a partir de um ponto de vista, ou seja, da posição espaciotemporal e axiológica do autor. A exotopia e o excedente de visão, que possibilitam o acabamento, comportam uma ressalva importante, qual seja o fato de que esse lugar exterior não é fixo, não é qualquer lugar. É sempre um lugar social, valorado, que significa.

Dessa forma, entendemos, que a atividade estética, pressupondo uma relação necessária com a alteridade, não poderia dispensar uma relação com a ética, na medida em que o autor-enunciador deveria atender ao princípio básico do não álubi para o ser, assumindo seu ato ético de posicionar-se sobre seu objeto como um ato responsável e responsivo, ainda que, sobre certos aspectos, provisoriamente e não em sua totalidade.

Ou seja, no caso da atividade estética, em esferas não artísticas, o acabamento parcial temporário, não pode ser pensado fora do eixo valorativo – relação com a ética- por consequência essa atividade expressa posicionamentos ideológicos, ao se considerar que todo signo reflete e refrata uma realidade que

lhe é exterior (VOLOSHINOV; BAKHTIN [1929],1969). Acreditamos que Bakhtin torna esse pensamento mais explícito em seu texto "Arte e Responsabilidade" (BAKHTIN, [1919]2003), quando ele diz que o ser deve responder com sua própria vida aquilo que ele realizou e compreendeu na arte, e complementando, perguntaríamos, se é assim na arte, porque não nas outras esferas do mundo da vida?

O mundo da vida configura-se para Bakhtin ([1919]2010) como o *locus* privilegiado de emergência do ato ético, da atividade humana valorada, resultante de relação travada entre o eu e o outro, cuja característica fundamental é sua singularidade e irrepetibilidade. Bubnova (1997) considera-o como um documento assinado que não possibilita álibi pra o ser, que exige um autor, responsável e responsivo. Ao mesmo tempo, para essa autora, o núcleo do ato ético é a responsabilidade, entendida não como um termo jurídico, nem como uma obrigação normativa e abstrata, mas como um ato concreto que vincula o ser humano ao mundo da vida.

Assim configurado, o ato ético é ponto de partida para qualquer investigação ou formulação teórica, que pretenda dar conta da existência do ser em sua complexidade, ao mesmo tempo em que para sua realização requer a linguagem, a palavra em sua inteireza, em seu aspecto de conteúdo, imagético e valorativo. Para o Círculo, é ponto de compartilhamento, o entendimento de que a palavra cresceu a serviço do pensamento participativo e dos atos realizados, configurando assim sua concretude (BAKHTIN, [1919] 2010).

Essas colocações possibilitam-nos interpretar que a compreensão de linguagem, no pensamento bakhtiniano, tem suas raízes no conceito de ato ético, aquele que se realiza no mundo da vida, formando uma unidade inseparável entre ação e linguagem. Esse ato ético, semiotizado no enunciado, a unidade concreta de comunicação verbal, mantém uma relação constitutiva com a realidade social, dela fazendo parte (MEDVIEDEV [1928] 2012); VOLOSHINOV [1926] 1997; BAKHTIN [1952] 2003). Sua singularidade reside em ser uma realização histórica em dada época e com dadas condições social e é a partir dessa singularidade que os sentidos e valores dos enunciados entram no



horizonte concreto dos falantes/escreventes, estabelecendo entre o sentido, o valor e o ato enunciado uma ligação cuja natureza é sempre orgânica, histórica, e concreta, existindo apenas para esse dado enunciado e não para outros.

Uma característica essencial do enunciado é ser portador de um valor, de uma avaliação social, a qual determina a escolha das palavras e sua forma, tendo algumas dessas valorações sociais uma duração mais estável, mais profunda, perdurando através dos tempos, enquanto outras têm uma vida mais curta, dizem respeito às vezes ao tema do dia, da hora, do momento. Dai que para compreender um enunciado e interpretá-lo é necessário conhecer sua atmosfera axiológica, sua orientação avaliativa na esfera da criação ideológica na qual ele está inserido.

O enunciado, diz Bakhtin ([1952] 2003) tem um acabamento condicionado por alguns fatores, por exemplo, o fato de que ele sempre encarna a possibilidade de uma resposta. Essa possibilidade responsiva pode ser identificada a partir de alguns elementos, tais como o esgotamento do tema, o projeto de dizer do falante (escrevente), e sua inserção em um dado gênero. Para nossa discussão, no momento, interessa uma peculiaridade especial do enunciado, qual seja sua relação com seu autor, mais especificamente o posicionamento axiológico do autor, aquele que irá configurar seu ato ético, ou como sugere Bauman (1977), as ações praticadas e materializadas semioticamente, pelos indivíduos e grupos sociais. Desse posicionamento vão depender as peculiaridades estilísticas e composicionais do enunciado.

2. O acabamento em práticas discursivas midiáticas

A esfera midiática como *locus* de produção e circulação de práticas discursivas constitui-se como uma indústria que produz e veicula símbolos e significados influenciando a informação e/ou o conhecimento que se tem a respeito de um fato (THOMPSON, 1995). No dizer de Kellner (2001), há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, modelando opiniões políticas e contemporâneas,

mostrando quem tem poder e quem não tem. Os produtos midiáticos, diz ele, não são entretenimento inocente, mas tem cunho ideológico e vinculam-se à retórica, a lutas, a programas e a ações políticas. Assim sendo, ao aprender como ler e criticar a mídia, resistindo à sua manipulação, os indivíduos fortalecer-se-ão em relação a essa mídia e sua cultura dominante.

Hall (1997), ao discutir o papel central que a cultura desempenha na contemporaneidade, considera fundamental a discussão sobre seu controle e regulação. Segundo ele, no cerne dessa questão encontra-se a relação entre *cultura e poder* e quanto mais importante, mais central torna-se a cultura, tanto mais significativas são as forças que a governam, moldam e regulam. Isto é, quem tem o poder de influenciar a configuração geral da cultura, de controlar ou determinar o modo como funcionam as instituições culturais ou de regular as práticas culturais, passa a exercer um tipo de poder explícito sobre a vida cultural. Cita como exemplos, a televisão e quem tem o poder de controlar a quantidade e o tipo de imagens nela veiculadas, quem seleciona o tipo de notícias que são oferecidas ao cidadão, sendo essa autorregulação deixada nas mãos das próprias autoridades desses meios de comunicação. Em síntese, afirma esse autor que a cultura, embora tendo vida própria e autônoma, é influenciada e regulada por outros fatores, entre eles a economia, o mercado, o Estado e o poder político.

Conforme Duschatsky e Skliar (2001), os tempos contemporâneos construíram várias estratégias de demonização do outro, taxando de forma negativa aquele que se diferencia do eu, e no dizer de Thompson (1995), para tanto fazendo uso de estratégias discursivas e ideológicas de desqualificação do outro.

Vejamos então o acabamento que é dado ao outro, considerando a dimensão o outro para mim, ou seja, a atividade estética que emoldura o ato ético de avaliação do outro, em exemplo da mídia impressa.

Considerando que, em todos os enunciados das diversas esferas da criação ideológica realiza-se um tipo de atividade estética e ética e que a noção de acabamento surge como elemento articulador para reconhecer e identificar essa



relação, nesse item buscamos identificar essa articulação e seu processo enunciativo em um texto publicado na esfera midiática impressa.

Partimos do princípio de que, no mundo da vida, a atividade estética de um autor em relação ao seu outro é sempre temporária, não há acabamento total desse outro, porque, no mundo da vida, *preciso ser inacabado, aberto* (BAKHTIN, [1923] 2003, p.11). Ou seja, no mundo da vida, os acabamentos que o eu dá ao seu outro são temporários e limitados a aspectos precisos do ser, em sua eventicidade.

Em outras palavras, nossa questão é, se o autor-criador é responsável pela realização de uma atividade estética, sendo essa atividade da ordem do “criado” envolvendo aspectos múltiplos, como nos referimos acima, como se manifestaria essa atividade estética de dar acabamento nas esferas da atividade humana onde a ordem é a do vivido, portanto da temporalidade finita?

Passemos então a análise do texto abaixo transcrito, produzido na esfera midiática impressa, buscando compreender como o autor-enunciador relaciona-se com o todo de seu enunciado e com seus interlocutores, de forma a realizar a atividade estética de dar acabamento ao seu ato ético.

Gramsci o parasita do amarelão ideológico.

O moderno esquerdista brasileiro, essa contradição em termos, esse Jeca Tatu com laptop, tem ainda em Antonio Gramsci (1891-1937) a sua principal referência. O comunista italiano é o parasita do amarelão ideológico nativo. Parte da nossa anêmica eficiência na educação, na cultura, no serviço público e até na imprensa se deve a essa ancilostomose democrática. Já viram aquele comercial na TV de um desodorizador de ambiente em que um garoto bem chatinho, com o dedo em riste, escande as sílabas para a sua mamãe: "eu que-ro fa-zer co-cô na ca-sa do Pe-drrri-nho"? Costuma ir ao ar na hora do jantar. Para a esquerda, Gramsci é a "ca-sa do Pe-drrri-nho" da utopia. E, também nesse caso, o odor mitigado não muda a matéria de que é feito.

Este enunciado foi extraído de matéria publicada na Revista *Veja*, em 16 de maio de 2007. O texto trata de um diálogo que o articulista, autor do enunciado, trava com relação ao posicionamento de um grupo de educadores

que reagiram mal à decisão do MEC de deixar o ensino técnico para uma fase posterior àquela da formação geral do aluno e, nesse protesto, ancoraram-se, esses professores, nos escritos de Antonio Gramsci, um renomado pensador marxista italiano.

Uma primeira coisa a ser considerada diz respeito ao fato de que o tema do enunciado remete para uma decisão do MEC sobre a natureza do ensino profissional. Contudo, uma apreciação do enunciado como um todo permite interpretar que, fazendo uso de um recurso retórico, o autor-enunciador desloca o foco, deixa o tema principal da matéria de lado e centra-se em seu posicionamento avaliativo sobre aqueles que considera como seus interlocutores concretos, os professores e o pensador italiano. Presenciamos o que poderíamos nominar como um primeiro elemento do acabamento, instaurando-se uma estratégia retórica na qual a avaliação do tema em si desaparece cedendo lugar para a avaliação das vozes sociais, subjacentes aos interlocutores concretos.

Esse ponto de vista avaliativo é apresentado no título, quando o autor-enunciador, para nomear Antonio Gramsci, seleciona o léxico “parasita do amarelão”, retirando-o de seu uso costumeiro em uma outra esfera discursiva, no caso a esfera das doenças tropicais. No restante do texto, continua manifestando sua intenção de enunciador parodiando⁵ a figura do Jeca Tatu, imortalizado na obra de Monteiro Lobato, como sendo portador do amarelão e concebido como ícone do caboclo brasileiro, pobre, ignorante e avesso aos hábitos de higiene urbanos. Considera os professores, manifestantes do protesto já mencionado, como os Jeca Tatu de laptop, assim sendo, responsáveis pela anêmica eficiência na educação brasileira. Isto é, o autor-enunciador, apropria-se de uma voz alheia, já dita, consagrada no imaginário da cultura popular, retira-a de seu contexto primeiro, no qual o Jeca Tatu era o representante, legítimo símbolo do descaso do poder público para com as camadas subalternas da população, enquadrando essa voz em outro contexto, de forma a atender a intenção avaliativa do autor-

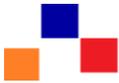
⁵ Entendemos a paródia no sentido expresso por Bakhtin (1963) , ou seja, um discurso que faz uso de uma voz alheia, atribuindo-lhe sentido oposto ao sentido original.



enunciador, ou seja a manifestação de um posicionamento desqualificador das ideias dos professores e daquele filósofo em quem se baseiam.

Insatisfeito com o processo de desqualificação do pensamento alheio, utilizando estratégias retóricas para vencer o adversário, realizando um ato ético que “destrói a própria esfera dialógica da vida da palavra” (BAKHTIN [1970-1971] 2003, p.386), o autor-enunciado parodia uma outra voz social, vinda de outra esfera, no caso da publicidade veiculada na TV sobre um produto para ser usado em banheiros. O sentido original da publicidade assume uma tonalidade de brincadeira, a partir da enunciação de uma criança, que cita o banheiro da casa de um colega como um ambiente limpo e agradável. Para realizar sua atividade estética e dar acabamento ao pensamento do filósofo Antonio Gramsci, o lado lúdico, original do exemplo do vídeo apresentado na TV, deixa de ser considerado, passando seu enunciado a manifestar um tom depreciativo pela ênfase da construção sintática e seleção lexical utilizada, ao referir-se ao fato de que, embora mitigado o odor, o que se *produz* naquele local da casa“ não muda a matéria de que é feito”. Ou seja, o uso de detergentes não elimina o fato de que naquele local da casa, a matéria lá deixada são basicamente os excrementos, sendo essa a matéria que constitui o pensamento dos professores à luz do pensamento gramsciano.

Assim como a atividade estética na esfera da criação literária opera a partir de um sistema de valores dado, para criar outros sistemas de valores, podemos dizer que o autor-enunciador do presente texto parte de vozes alheias já dadas, para manifestar seu posicionamento ideológico, seu ato ético, realizando a atividade estética de acabamento sobre esse ato. Do ponto de vista analítico, é significativo perceber que, recorrendo a procedimentos de enquadramento apropriados, “pode-se conseguir transformações notáveis de um enunciado alheio” e que a palavra alheia estabelece com o discurso que a enquadra “uma amálgama química” (BAKHTIN ([1934] 1990, p. 141). No enunciado em questão, o enquadramento dado ao léxico, -parasita amarelão-, e à propaganda sobre detergente veiculada na TV, funciona como um discurso bivocal, no qual podem ser percebidas as vozes alheias, aqui predominantemente



parodiadas, para atribuir novos sentidos, novos valores ao enunciado do autor. No exemplo em questão, o autor utiliza essas estratégias para se opor e desqualificar seu outro, exercendo mesmo, diríamos, uma polêmica explícita com aqueles que lhes são diferentes, que preconceituosamente são considerados como portadores de doenças e suas ideias não ultrapassando os limites de dejetos biológicos.

Do ponto de vista das práticas discursivas midiáticas circulantes, a nosso ver, o enunciado verbal analisado é portador de uma violência verbal assustadora, usando o analista da prerrogativa de um espaço no qual exerce seu poder para fazer circular suas ideias sobre aqueles que lhes são diferentes, ou que pensam diferente, mobilizando várias estratégias discursivas e enunciativas para dar acabamento à alteridade, ao outro, ou aos outros, em conformidade com seus posicionamentos ideológicos. Caberia aqui, talvez, remeter para a reflexão que os autores Thompson, Kellner e Hall fazem sobre o uso da produção simbólica nos espaços midiáticos, material constitutivo da cultura da sociedade contemporânea.

Enfim, iniciamos nossa reflexão buscando subsídios teórico-metodológicos que pudessem orientar a compreensão da problemática sobre a alteridade, analisando a relação entre atividade estética e ato ético. Concluímos, retomando nosso posicionamento inicial, sobre a necessidade dos estudos da linguagem, pelo menos na vertente da LA a qual nos referimos anteriormente, orientar-se para compreender o papel social das práticas discursivas produzidas e circulantes em nossa contemporaneidade, buscando, por exemplo, como defendem Hall, Kellner e Thompson a realização de leituras críticas dos discursos midiáticos. Reafirmamos ainda, que do ponto de vista epistemológico e metodológico, uma articulação entre as noções de ato ético e atividade estética, explorando o acabamento dado ao enunciado em todos os seus aspectos, constitui uma possibilidade concreta de interpretar a relação entre ética e estética em esferas não artísticas.

Referências



BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do Ato**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010 [1919].

_____**Arte e Responsabilidade. Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1919].

_____**Autor e Herói. Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1923-1924].

_____**O problema do conteúdo, do material e da forma. Questões de estética e de literatura**. São Paulo: Hucitec, 1990 [1924].

_____**Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1977 [1963].

_____**O discurso no romance. Questões de estética e de literatura**. São Paulo: Hucitec, 1990 [1934].

_____**A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Editora Hucitec/Annablume, 1985 [1946].

_____**Os gêneros do discurso. Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952].

_____**O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1959].

_____**Apontamentos. Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (1970-1971).

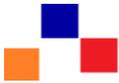
BAUMAN, Z. **Ética Pós-Moderna**. São Paulo: Paulus, 1977.

_____**Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 2001.

BUBNOVA, T. El pincípio ético como fundamento del dialogismo em Mijaíl Bajtín. **Escritos, Revista del Centro de Ciencia del Lenguaje**. n.15-16.pp.259-273, 1997.

CANCLINI, N. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

DUSCHATZKY, S.; SKLIAR, C. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. *In*: J. LAROSSA e C. SKLIAR (orgs) **Habitantes de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.



FARACO, C.A. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Letras de Hoje**.v.46, n.1.p 21-26, 2011.

HALL, S. The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. *In.*: THOMPSON, Kenneth (ed.). **Media and cultural regulation**. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997.

JAMESON, F. **A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.

KELLNER, D. **A Cultura da Mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

MEDVIEDEV, P.N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

Revista **Veja**. Gramsci, o parasita do amarelão ideológico. Blog de Reinaldo Azevedo. São Paulo. Editora Abril. Acesso em http://veja.abril.com.br/160507/p_100.shtml.

THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VOLOSHINOV, V. La palabra em la vida y la palabra em la poesia. In **Hacia uma filosofia del acto ético**. Barcelona: Anthropos Editorial, 1997 [1926].

VOLOSHINOV, V./BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1969.[1929].

Recebido em 12/01/2013.

Aceito em 04/06/2013.

Maria Bernadete Fernandes de Oliveira

Professora-associada IV do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Área de Linguística Aplicada e Teorias do Discurso.

Email: mariabernadete01@gmail.com